

POR QUE ESCREVE?

Alcides Villaça

- Quando convidado a responder à questão “Por que escreve?”, achei que não teria dificuldade em ser simples e direto na resposta. Imaginava que uma experiência já bastante frequentada me permitiria falar com desenvoltura sobre suas implicações. Que nada. Comecei a entrever respostas possíveis, vi que eram muitas, de diferentes naturezas, que dependiam inteiramente do humor do momento, do horizonte especulativo convocado, do maior ou menos valor atribuído à memória investigativa, ou à rememoração complacente, ou à projeção imaginosa. Desaparecia, assim, a certeza daquela organicidade que julgava estar à minha disposição para compor um depoimento, e abriam-se tantas perspectivas de respostas que fui desanimando. Para não perder a oportunidade de, mais uma vez, escrever e ser lido, resolvi que farei várias tentativas de respostas. Não peço o crédito do leitor para nenhuma delas, em especial: gostaria que ele visse no conjunto os sintomas da minha principal dificuldade, que está na articulação de uma justificativa que não desmereça de vez o pobre crítico nem humilhe demais o pobre poeta.
1. Escrever sobre **por que se escreve?** é já responder imediatamente. Se eu fosse compositor musical, talvez não me ocorresse responder

assobiando – e usaria as palavras escritas como espelho mais ou menos objetivo das razões que me levaram à música. Mas como escritor, cada vírgula é já um espelhamento, um indicador rítmico de como compreendo minha ocupação; cada palavra, cada frase, cada período integrará o discurso de quem o move por dentro para tentar vê-lo de fora. O simples pensar sobre o escrever pode ter já em si uma sofisticação tal que se arrisca a condenar o enunciado antes de qualquer julgamento. Em suma: a consciência da escritura pode não ir nada além de uma indesejável propensão para o autismo intelectual, de lentes grossas e inúteis. Por outro lado, estaria também nessa consciência uma possibilidade de salvação, como quem aprendeu a expurgar as razões de fachada para gozar inteiramente o prazer do aleatório.

2. Quando menino, aprendi a ler copiando as palavras *açúcar*, *arroz*, *feijão*, *farinha de milho*, *farinha de rosca*, *fubá* e outras, que minha mãe desenhava com caprichadas letras de forma brancas nas latas de mantimento todas iguais, que ela pintava de azul. Eu queria conhecer a mágica que me permitisse abrir a lata de arroz e dar com o arroz dentro. Primeira lição: arroz era a palavra arroz, e vice-versa. Ao copiar aqueles nomes, não imaginava que estava declinando substantivos que traziam consigo tanta expectativa de ação.
3. Outro dia, ouvi Ferreira Gullar respondendo a um aluno, numa sessão universitária: “Eu escrevo o poema porque tenho necessidade de um outro corpo.” Meus primeiros poemas eu os escrevia convencido de que havia dentro de mim um território livre, que eu acabara de descobrir, e de onde me era facultado sair para explorar novos mundos sem tirar os pés do lugar. Os nomes dos mantimentos de minha mão faziam constelações no céu, que me impressionavam sobretudo por continuarem a me parecer tão próximas, tão familiares. Naquele início, escrevia três, quatro, cinco poemas por dia. Depois que comecei a fazer Letras, a produção escasseou. Mas foi o magistério de Literatura que me converteu em definitivo num poeta bissexto e vaidosamente culposos.
4. Escrever poesia é um exercício de etimologia, pelo qual ensinamos as palavras que conhecemos a nos revelar a origem do que não sabemos. Isso não tem a ver com erudição. Os dicionários de grego e latim comprovarão que o escritor nasceu antes dos dicionários, e as razões de sua insistência em achar que as coisas próprias têm

nomes próprios devem-se ao que ele batizou, por exemplo, com a palavra *considerar*. Ou então, numa historinha simples: quando vestibulando, tinha como vizinho de quarto um bancário também jovem mas sisudo, chamado **Temístocles**. A empregada do apartamento pronunciava **Scrimitsu**, na forma mais aproximada que encontrou. Eu, divertido, segui pelo mesmo caminho, e não o chamava de outro modo. Perdemo-nos de vista. Trinta anos depois, esbarramos acidentalmente num restaurante de estrada; ele me olhou, disse interrogativamente meu nome, e eu repliquei: **Scrimitsu!** A palavra viajou trinta anos e reconstituiu num átimo e num étimo a complexidade de um tempo perdido. A poesia é um país povoado de scrimitus.

5. Quando acho que acerto um verso (antigamente achava que acertava todos os poemas), compreendo mais de perto o que Drummond terá sentido quando escreveu a propósito da flor que fez brotar do asfalto: “lentamente passo a mão nessa forma insegura”. Mas também não desprezo os versos tortos: é preciso contar sempre com os espelinhos que não mentem. Uma resolução decisiva está em guardar o poema numa gaveta (ou, hoje, num arquivo eletrônico), em vez de jogá-lo fora: é a esperança do carinho para quem aposentou as paixões. Já publicá-lo equivale a esbofetear nossa soberba em público.

6. Escrever: saber limitar para poder sugerir. Esta formulazinha me parece verdadeira a cada vez que escrevo qualquer coisa. Mas às vezes, num poema, quando a poesia de fato se digna a comparecer (não me pergunte de onde, nem por quê), alguma coisa faz **clac** e a fórmula evapora para dar lugar ao além-palavra, no além-teto da minha possibilidade, acima da qual não posso imaginar senão a morte. É quando o poema se aventura a ser ele mesmo, assumir sua performance, colar-se as próprias asas e voar decididamente para seu lugar. Permitam-me ilustrar essa sensação:

*quando esses pássaros
atravessam o peso da cidade
e batem contra os muros
no viveiro gigante e invisível
as asas e as penas que não caem
são os peixes do mais fundo dos rios
são as folhas do mais alto das árvores
e as nuvens que, sem reclamo,
suportam a massa do azul*

7. No rebarbativo ambiente universitário, onde não faltam câmaras de eco, pode-se explicar e justificar o **escrever** de mil modos, e deixar que as posições se combatam. Mas sonhamos, muito secretamente, que aquela chave do reino das palavras existe, sim, para a gente poder descansar de pensar nelas, entrando logo no reino e vendo que todas as gavetinhas de conceito ficam vazias, quando a janela está aberta.
8. Inversamente, a cada aula sobre poesia faço o máximo de esforço para dar limpidez a um conceito, sem transformá-lo numa imagem (golpe baixo) bonita. Octavio Paz vivia caindo nessa tentação. Falar **sobre** poesia é admitir que ela já é memória, e que o discurso crítico não é mais que um discurso de rememoração compreensiva do objeto, na falta dele. Por isso estranho muito quem acha que um curso de Letras abre caminho para a criação literária. Sua função é outra: está em apresentar a crítica como prova de amor à literatura, e ao mesmo tempo alimentar nos alunos todas as dúvidas quanto a isso.
9. Vê-se: olho em demasia para o que escrevo. A culpa é sua, leitor: julgo-o sempre mais inteligente e mais sensível do que eu, só para ter o prazer de imaginar que, se escrevesse, você talvez não fosse além de mim. Por isso você é tão importante, sem importar tanto assim: nossas sombras se unem pelo peso das palavras, e nosso desejo de voar, sendo no fundo o mesmo, nos torna algo hostis, quando tão profundamente camaradas.
10. Em meio a tantas divagações sobre o **escrever**, lembro-me de que invariavelmente apresento a poesia aos meus alunos como um **falar** (considerando, sempre que cobrado, a chata exceção da poesia dita visual). Também quando escrevo, estou fundamentalmente me ouvindo. A rigor, não quero leitores: quero ouvintes, pacientemente dispostos a emprestar inflexão, melodia, ressonância, andamento, timbre, pausa, silêncio, altura a cada fala minha. Assim procuro ouvir meus poetas: eles não param de falar, e eu não paro de ouvi-los, mesmo quando já não estão falando. Falar **de cor**: isso diz tudo. Ouvir **de cor** também.
11. O senso comum é uma parcela importantíssima no momento de escrever: ele existe para ser respeitado, quando muito combatido, e combatido, quando muito respeitado. Toda imagem muito gasta

ensina muita coisa, e merece estar no quadro de honra ao lado da imagem toda original. Manuel Bandeira não tem qualquer vergonha de ser sentencioso ao mesmo tempo em que vive um alumbramento. Sua forma sorrateira de burlar o prosaico, apostando nele, ensina mais sobre a poesia do que qualquer outra pessoa. Bandeira foi meu primeiro poeta: lia-o no quarto, em voz alta, espantado por ouvir sair dele uma voz que era minha, era nossa, que era de todo mundo sem ninguém saber.

12. Movo-me entre as fronteiras de países que talvez nem vizinhos sejam: a crítica, o magistério, a poesia. Já me elogiaram, chamando de **poéticas** as minhas aulas, sem saber que me ofendiam. Igual ofensa seria chamar um poema meu de **instrutivo**. Quero nadar nessas duas águas sem confundí-las, que é o único meio que tenho para aproximá-las. Junto aos pedagogos convictos, a questão é gravíssima: Platão, o maior deles, jamais considerou a possibilidade de a poesia ser edificante – o que não impediu que os alegres militantes da pedagogia de hoje tomem a poesia moderna como currículo afirmativo, em vez de tomá-la como uma sedução do inferno, preparação para a morte ou projeção fraudulenta do céu no muro branco. Usar a poesia para desenvolver um pensamento é outra eficaz maneira de contorná-la. Meninos, eu fiz.
13. É também possível escrever para poder adiar o escrever (tudo verbo intransitivo, como convém a quem responde à pergunta: **por que escreve?**). Essa é uma forte tendência contemporânea, à qual já tentei me agarrar sem sucesso, já que meus defeitos são outros. Hoje se escreve muito para se provar que não se pode escrever mais nada. A Clarice Lispector de **Água viva** não sabia que seria inspiração para tanta gente escrever intransitivamente. Nas vezes em que tentei escrever um conto, busquei (ó santa ingenuidade) o assunto de um conto, para me guiar por ele. Aí entendi como é difícil ter uma história pra contar e ter que contar essa história. Meu defeito é outro: não me conformo com não ter história, e se começo a ler um autor francês de **nouvelle vague** (ou a ver um filme que lhe corresponda) imagino como será o dia-a-dia desses autores, bípedes e mamíferos como eu. *Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta.* Depois de amar isso, tanta coisa me foi possível – menos amar as coisas que se escrevem para ser apenas uma simulação de adiamento, quando de fato o são.

14. Voltando aos meus primeiros poemas: cada metáfora correspondia a um gênesis bíblico, e eu nem precisava mostrá-los pra ninguém, num primeiro momento. Arquivava tudo num enorme fichário A-Z, que logo ficou lotado. Mostrei-os, depois, e aos poucos, para algumas pessoas. Leitora decisiva: minha professora de Filosofia, do curso Clássico, Margot Proença. Frase dela: “Alcides, *lenço branco acenando* nem pensar. Os lenços brancos não aguentam mais acenar pra ninguém.” Outra lição dela: “Você não gosta do Drummond? Então ouça isto – e leu em voz alta para mim, em tom de conversa, o difícil “amar-marô”, de **Lição de coisas** – quando aprendi para sempre que os poemas **falam**. Se ainda hoje escrevo, é muito para que a Margot me ouça lá no início da década de 70, quando foi detida em sua alegria de viver.

15. Não acredito nessa história de **eu lírico**, embora às vezes, distraído numa sala de aula, me esqueça de que não acredito. Para mim, **eu** não tem adjetivo, só tem dificuldade de ser e de se dizer. Meu **eu lírico** sou eu mesmo, seja quem for: nada do que em mim vive me é alheio. Qualquer coisa que eu escreva será, inelutavelmente, **eu**. Impossível escrever fora de mim. Isso me consola até mesmo num texto como este: qualquer coisa que aqui deixe terá saído do meu corpo. Que pretensão imaginar que somos capazes de construir máscaras! Essa bobagem é tão grande quanto acreditarmos que somos capazes de dizer verdades absolutas. E não me venham com Fernando Pessoa, esse hábil diretor de teatro e treinador de estilos.

16. Por que escrevo? Por nossa causa. Escrevo porque escrevemos todos, nós e todos os analfabetos que escrevem dentro de suas cabeças. Nosso corpo precisa de alguma parede para imprimir desejos ou protestos que, uma vez esboçados, ganham asa, música e viram palavras. No circuito de uma mesma língua, espécie de cerca doméstica que armamos para guardar a criação, passamos a entender, por exemplo, algumas razões de nossos desentendimentos, e aprendemos critérios para batizar nossos filhos. Já do ponto de vista estritamente técnico, escrevemos para aprender a escrever, para nos admirarmos, para ganhar um dinheirinho, para passar em concurso, para participar de congressos, para responder questionários, para passar o tempo. Dependendo do ponto de vista, a tarefa de escrever não é inteiramente sem consequências, embora não sobreviva à morte do escritor. Aliás, nem mesmo o escritor sobrevive à sua morte, para conferir se o público continua vivo.